

TRADUÇÃO COMENTADA DO CONTO ÂNGELA - UMA HISTÓRIA DE AMOR INVERTIDA

Valéria Brisolara

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Cristieli Pedroso Machado

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

RESUMO: Esta é uma tradução comentada do conto *Angela – An Inverted Love Story* (*Ângela - uma história de amor invertida*), publicada originalmente em 1890 pelo autor britânico William Schwenck Gilbert. O conto traz a história de um senhor paralítico que se apaixona pelo reflexo invertido no canal de Veneza de sua vizinha, uma jovem mulher a qual conhece desde pequena. Ao longo dos anos, ele a vê crescer e então começa a se comunicar com ela através de gestos e flores jogadas no canal. A escolha da obra para tradução deu-se pela importância de traduzir uma obra de Gilbert, um autor que escrevia belas histórias, mas às quais infelizmente poucos têm acesso devido à ausência de traduções para língua portuguesa no país.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução; William Schwenck Gilbert; Conto, Inglaterra.

ABSTRACT: This is an annotated translation of *Angela - An Inverted Love Story*, originally published in 1890 by British author William Schwenck Gilbert. The short story tells the story of a paralyzed gentleman who falls in love with the inverted reflection of his neighbor, a young woman whom he has known since she was a little girl, in the Venice canal. Over the years, he sees her grow and then begins to communicate with her through gestures and flowers thrown into the canal. The decision to translate this story was due to the importance of translating a work by Gilbert, who wrote beautiful stories, but which unfortunately few have access to due to the lack of translations into Portuguese in Brazil.

KEYWORDS: Translation; William Schwenck Gilbert; Short story; England.

1. Sobre o autor, o conto e a tradução

William Schwenck Gilbert, ou W.S. Gilbert, como é mais conhecido, nasceu em 18 de novembro de 1836 em Londres, Inglaterra, e veio a falecer em 29 de maio de 1911, aos 74 anos ao tentar resgatar uma mulher que estava se afogando em Harrow Weald na Inglaterra. Teve uma vida repleta de aventuras e viagens. Era filho de um cirurgião naval aposentado e, quando criança, viajou para a Alemanha e para a Itália com seus pais, onde foi sequestrado por bandidos em Nápoles e depois resgatado. Estudou em Boulogne, na França, e posteriormente no King's College em Londres. Gilbert foi um dramaturgo e humorista inglês com vasta produção, mas é mais conhecido por sua parceria com Arthur Sullivan em óperas cômicas.

A carreira dramática de W. S. Gilbert começou quando um dramaturgo chamado Thomas William Robertson o recomendou como alguém que poderia produzir uma peça de Natal brilhante em apenas duas semanas. Gilbert prontamente escreveu *Dulcamara; or, The Little Duck and the Great Quack*, um sucesso comercial.

Gilbert estudou direito, porém não foi bem-sucedido. Foi então que ele decidiu mudar para a escrita freelance humorística, a qual o levou a fazer contribuições significativas para as revistas *Punch* e *Fun* de 1861. Em 1869 foi publicada uma coleção de baladas com o nome de *Bab Ballads*. Sua primeira peça profissional foi *Uncle Baby*, com estreia no Royal Lyceum Theatre, em Londres, em 31 de outubro de 1863. Outras obras satíricas do autor que foram para os palcos foram a pantomima de Natal *Hush-a-By-Baby* (1866), os burlescos *Dulcemara, or The Little Duck and The Great Quack* (1866) e *Pigmalion and Galatea* de 1871.

Foi em 1871 que teve início a parceria de 25 anos com Arthur Sullivan, começando pela colaboração na peça *Thespis, or The Gods Grown Old*, que estreou em 23 de dezembro. O grande sucesso da parceria veio quatro anos depois em *Trial by Jury*, que estreou no Royalty Theatre, em Londres, em 25 de março de 1875. Alguns outros trabalhos da parceria são *The Sorcerer* (1877), *H. M. S. Pinafore* (1878), *The Pirates Penzance* (1879), *Utopia, Limited* (1893) e *The Grand Duke* (1896). Após a morte do parceiro Sullivan em 22 de novembro de 1900, W.S. Gilbert se juntou a Edward German para produzir *Fallen Fairies* (1909), uma adaptação de *The Wicked World*. Acredita-se que, com seu jeito burlesco e libertista, Gilbert tenha se destacado não apenas por seu dom em manusear palavras e moldá-las em formas musicais, mas também porque, através de suas palavras, ofereceu ao compositor oportunidades para “satirizar” convenções musicais.

O conto *Angela – an inverted love story* (Ângela, uma história de amor invertida) foi publicado originalmente na revista *The Century Magazine* e está presente no livro *Foggerty's Fairy, and Other Tales (1836-1911)*, que é uma compilação de contos e obras esquecidas do autor. O conto nunca foi traduzido para o português e se encontra acessível na versão original em domínio público e em *áudio books* na internet. Trata-se da história de um senhor paralítico que se apaixona por uma jovem que ele consegue enxergar pela janela de sua casa e que, por causa da posição das casas no canal de Veneza, aparece de forma invertida para ele.

A tradução desse conto fez parte do projeto final da disciplina de Introdução à Tradução: Teoria e Prática, do curso de Letras Português e Inglês da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e a escolha do conto se deu através de uma busca na internet por autores que não possuíam obras traduzidas no Brasil e que estivessem em domínio público. Ao encontrar o conto, logo surtiu interesse pelo título (*Angela, an inverted love story*), e a

curiosidade para entender como era uma história de amor invertida. Após a leitura do conto, e a surpresa positiva com a sua escrita e história envolvente, decidiu-se traduzi-lo para que a obra de Gilbert pudesse ser apreciada também por aqueles que amam um romance, mas não têm um profundo conhecimento na língua inglesa.

Por ser um conto do século XIX, o texto tem palavras e expressões clássicas, pouco usadas no cotidiano, o que dificultou o processo tradutório. Optou-se por uma estratégia de tradução mais estrangeirizadora (VENUTI, 1995) a fim de manter o estilo rebuscado do autor. Termos como “dama” foram utilizados na tradução para *maid*, a fim de remeterem ao contexto de escrita do texto e a tentar aproximar o leitor realidade melancólica de Veneza apresentada no conto.

Além disso, o conto também apresenta alguns trocadilhos, o que trouxe uma dificuldade adicional para a tradução ao português. Um exemplo está no quarto parágrafo quando a constatação *the little maid grew up, her reflection grew down*, fazendo referência à imagem invertida da jovem, faz um trocadilho que não foi traduzido com outro trocadilho.

Ainda, a descrição do quarto do personagem principal, *Its only window is about five feet above the water of the canal, and above it the house projects some six feet, and overhangs the water, the Projecting portion being supported by stout piles driven into the bed of the canal [...]*, presente no segundo parágrafo do conto, foi de difícil compreensão, dadas as dimensões e especificidades que são colocadas nesse trecho. Pode-se dizer que foi a parte mais difícil de traduzir, pois é uma descrição muito importante para se compreender a localização e o porquê de a imagem da outra casa ser invertida para ele. O fato de a descrição parecer confusa em sua versão original, mas levando em consideração que ela é dada em uma unidade de medida não utilizada no Brasil, torna a tradução do trecho mais complicada. Na tradução, foi feito o possível para que esse trecho fosse compreendido pelos leitores, sem alterar muito o sentido do texto original. Com relação às estratégias utilizadas, *thirty pounds a year* foi traduzido para “30 libras por ano”, mantendo a moeda original, ao invés de trocar pela moeda do Brasil. Da mesma forma, os canais de Veneza e as gôndolas foram mantidos. No entanto, optou-se por não utilizar a unidade “feet” ou “pés”, pois preferiu-se usar a unidade metros para facilitar o entendimento da descrição por parte do leitor.

2. *Ângela - Uma história de amor invertida*, de William Schwenck Gilbert¹

¹ O texto em língua inglesa, *Angela - An Inverted Love Story*, está no apêndice depois das Referências.

Eu sou um pobre paralítico que, por muitos anos, tem estado preso a uma cama ou um sofá. Pelos últimos seis anos, eu tenho ocupado um pequeno quarto que dá para um dos lados dos canais de Veneza. Não tenho ninguém comigo, a não ser uma senhora surda que faz a minha cama e cuida da minha comida. Eu tenho uma renda baixa de cerca de 30 libras por ano, fazendo desenhos de flores e frutas em aquarela (que são os modelos mais baratos de Veneza), e eu envio para um amigo em Londres que os vende a um revendedor por um baixo valor. Mas, no geral, vivo contente e feliz.

É necessário que eu descreva a posição do meu quarto mais detalhadamente. A única janela está a cerca de um metro e meio da água do canal; acima da janela, a casa ainda tem 1,80 metros de comprimento e pende sobre a água; a parte que está à mostrada casa é sustentada por estacas resistentes cravadas no leito do canal. Essa disposição tem a desvantagem (entre outras) de limitar minha visão de cima, de forma que eu não consigo ver mais do que cerca de 3 metros de altura da casa vizinha, e, ao chegar tão longe da janela, o quanto minha enfermidade permita, eu posso ver por uma considerável distância acima e abaixo do canal que não ultrapassa 4 metros e meio de largura. Embora eu possa ver, mesmo que um pouco da casa oposta, consigo ver seu reflexo de cabeça para baixo no canal, e tenho um grande interesse invertido em seus habitantes que se mostram de tempos em tempos (sempre de cabeça para baixo) em suas varandas e janelas.

Quando eu cheguei ao meu quarto pela primeira vez, por volta de seis anos atrás, minha atenção foi direcionada para o reflexo de uma garotinha de 13 anos, mais ou menos (o mais próximo que posso imaginar) que passava todos os dias na varanda, logo acima do meu limitado campo de visão. Ela tinha um vaso com flores e um crucifixo em uma mesinha ao seu lado; e como ela se sentava lá em dias bonitos, do começo da manhã até escurecer, trabalhando assiduamente o tempo todo, cheguei à conclusão de que ela ganhava a vida como costureira. Ela era certamente uma garotinha da indústria, e, até onde eu posso enxergar, pelo reflexo invertido, bonita e bem-vestida. Ela tinha uma velha mãe, uma inválida que, em dias quentes, se sentava na varanda com ela. Eu gostava de ver a pequena dama embrulhar a senhora em xales, trazer travesseiros para sua cadeira e um banquinho para seus pés e, de vez em quando, deixar seu trabalho, beijar e acariciar a senhora por meio minuto e então, retomar seu trabalho.

O tempo foi passando e, como a pequena dama cresceu, seu reflexo invertido cresceu também, e, finalmente, ela era uma jovem mulher, eu acho, de 16 ou 17 anos. Eu posso trabalhar por apenas algumas horas ou na parte clara do dia, então eu tinha muito tempo para observar seus movimentos, e imaginação suficiente para construir um pequeno romance sobre

ela, e para dotá-la de uma beleza que, em grande medida, eu tinha como certa. Eu vi – ou imaginava que pusesse ver – que ela começara a ter um certo interesse no meu reflexo (que, obviamente, ela poderia ver, assim como eu poderia ver seu reflexo); e um dia, quando pareceu para mim que ela estava olhando para ele – ou seja, quando seu reflexo parecia estar olhando para o meu – eu tentei a experiência desesperada de acenar com a cabeça para ela e, para a minha enorme satisfação, seu reflexo acenou de volta. E, então, nossos dois reflexos se tornaram conhecidos um para o outro.

Não levou muito tempo para eu me apaixonar por ela, mas um longo tempo se passou antes de eu decidir fazer mais do que acenar para ela todas as manhãs, quando a senhora me movia da cama para o sofá na janela e, novamente à noite, quando a pequena dama deixava a varanda por aquele dia. Um dia, no entanto, quando eu vi seu reflexo olhando para mim, acenei para ela e joguei uma flor no canal. Ela acenou várias vezes de volta e eu a vi direcionar a atenção de sua mãe para o incidente. Então, todas as manhãs, eu jogava uma flor na água para dizer “bom dia” e outra à noite para dizer “boa noite” e logo descobri que eu não as tinha jogado em vão, pois um dia ela jogou uma flor para se juntar à minha, e ela riu e bateu palmas quando ela viu duas flores se unindo e flutuando juntas. E então, todas as manhãs e todas as noites, ela jogava sua flor quando eu jogava a minha, e quando as duas flores se encontravam, ela batia palmas, e eu também, mas quando elas se separavam, como acontecia às vezes devido a uma delas ter encontrado uma obstrução no caminho, ela juntava suas mãos ao rosto em uma bela afeição de desespero, o que eu tentava imitar, mas de forma inglesa e sem sucesso. E quando eram rudemente atropeladas por uma gôndola que passava (o que não era raro), ela fingia chorar, e eu fazia o mesmo. Então, em uma bela mímica, ela apontava para o céu para me dizer que fora o Destino que causara o naufrágio de nossas flores, e eu, em uma mímica, não muito boa, tentava transmitir a ela que o Destino seria mais gentil da próxima vez, e que talvez amanhã nossas flores teriam mais sorte – e assim o inocente namoro continuou. Um dia, ela me mostrou seu crucifixo e o beijou, e então eu peguei um pequeno crucifixo que sempre estava perto de mim e o beijei, e então ela soube que estávamos juntos na religião.

Um dia, a pequena dama não apareceu na sua varanda, e por muitos dias eu não a vi; e apesar de eu ter jogado minhas flores como sempre, nenhuma flor veio lhe fazer companhia. No entanto, depois de um tempo, ela reapareceu, vestida de preto, e chorando frequentemente e então eu soube que a sua pobre mãe tinha falecido, e até onde eu sei, ela estava sozinha no mundo. As flores não vieram por muitos dias, nem ela mostrou qualquer sinal de reconhecimento, mas manteve seus olhos no trabalho, exceto quando ela usava seu lenço. Na

direção oposta, estava a cadeira da senhora, e eu podia ver que, de vez em quando, ela largava seu trabalho e olhava para ela, então um rio de lágrimas viria para seu alívio. Mas, finalmente, um dia, ela acenou para que eu acenasse de volta, e então sua flor veio, todos os dias, e minha flor foi se juntar à dela e, com diferentes destinos, as duas flores navegavam para longe como nos tempos passados.

Mas o dia mais sombrio de todos para mim foi quando um gondoleiro jovem e bonito, de pé na extremidade direita em sua gôndola (eu podia vê-lo em carne e osso), estava trabalhando ao lado da casa e ficou conversando com ela enquanto ela estava sentada na sacada. Eles pareciam conversar como velhos amigos – de fato, tão bem quanto eu pude perceber, e ele segurou sua mão durante toda a conversa que durou cerca de meia hora. Finalmente, ele se afastou e deixou meu coração pesado por dentro. Mas logo eu fiquei confortável, pois assim que ele saiu de vista, a pequena dama atirou duas flores que cresciam no mesmo caule – um símbolo que eu não conseguia entender, até que percebi que ela queria dizer que ele e ela eram irmãos, e que eu não tinha motivos para ficar triste. E, logo depois, eu acenei para ela alegremente e ela acenou para mim e riu em voz alta, e eu ri de volta, e tudo voltou a acontecer como antes.

Depois veio um tempo soturno e sombrio, pois foi necessário que eu me submetesse a um tratamento que me confinaria totalmente à minha cama por muitos dias, e eu estava preocupado e aflito ao pensar que a pequena dama e eu não nos veríamos mais e, pior ainda, que ela pensasse que eu tivesse ido embora sem sequer lhe deixar ciente disso. E eu fiquei a noite inteira acordado pensando em como fazer com que ela soubesse da verdade, e cinquenta planos vieram à minha cabeça, todos parecendo ser viáveis à noite, mas absolutamente loucos e impraticáveis pela manhã. Um dia – e foi, de fato, um dia iluminado para mim – a senhora que cuidava de mim, me disse que um gondoleiro tinha perguntado se o senhor inglês tinha ido embora ou morrido. Desta forma, entendi que a pequena dama estava preocupada comigo e que ela tinha mandado seu irmão para perguntar, e que o irmão, sem dúvidas, levou até ela a razão por trás da minha ausência prolongada da janela.

Daquele dia em diante e durante minhas três semanas de cama, uma flor foi encontrada cada manhã no parapeito da minha janela que ficava de fácil alcance de qualquer pessoa em um barco; e, quando finalmente chegou o dia em que pude ser transferido, tomei meu lugar de costume no sofá na janela, e a pequena dama me viu, levantou sua cabeça (por assim dizer) e bateu palmas de cabeça para baixo, com uma alegria tão convincente quanto a minha, que não estava de ponta cabeça, poderia ser. E, assim, a primeira vez que o gondoleiro passou pela minha janela, acenei para ele, ele me puxara para o lado, e me disse, sorrindo

alegremente, que ele estava feliz em me ver bem novamente. Então, eu agradeci a ele e sua irmã por seus pensamentos gentis durante meu recolhimento, e então eu descobri, por intermédio dele, que o nome dela era Ângela, e que ela era a melhor e mais pura dama em toda a Veneza, e que qualquer um poderia ser feliz de verdade se pudesse chamá-la de irmã, mas que ele era mais feliz ainda do que seu irmão, pois se casaria com ela e, de fato, eles se casariam no dia seguinte.

Por conta disso, meu coração pareceu inchar ao ponto de explodir e o sangue correu pelas minhas veias de forma que só eu podia ouvi-lo e nada mais por um tempo. Consegui finalmente balbuciar algumas desajeitadas palavras de felicitações, e, cantando alegremente, ele me deixou depois de pedir permissão para trazer sua noiva para me ver no dia seguinte, quando voltassem da igreja.

“Por”, ele disse, “minha Ângela conhecer você há muito tempo – desde que ela era uma criança, e ela frequentemente ter falado para mim do pobre senhor inglês que era um bom Católico, e que estava em um sofá perto da janela por anos e anos, havia dito, repetidamente, o quanto desejava poder falar com ele e confortá-lo; e um dia, quando você jogou uma flor no canal, ela me perguntou se deveria jogar outra, e eu disse que sim, pois ele entenderia que isso significava compaixão por alguém gravemente aflito.”

Então entendi que era piedade e não amor, na verdade, o tipo de amor que se assemelhava à pena, o que levou Ângela a se interessar pelo meu bem-estar, e tudo isso acabara.

As duas flores que eu pensei estarem em um caule, duas flores que estavam amarradas juntas (mas eu não pude perceber isso), estavam dizendo que ela e o gondoleiro estavam noivos, e meu prazer expresso por este símbolo a encantou, pois ela considerou que eu estava contente com sua felicidade.

E no dia seguinte, o gondoleiro veio com uma comitiva de outros gondoleiros, todos trajados com suas roupas de férias, e, na gôndola dele, estava Ângela sentada alegre e corando de felicidade. Então, ele e ela entraram na casa em que eu morara e vieram ao meu quarto (o que foi estranho na verdade, depois de tantos anos de inversão, ver ela com a cabeça sobre os pés), e, então, ela me desejou felicidades e uma rápida recuperação (o que nunca aconteceria) e eu, em meias palavras e com lágrimas nos olhos, dei a ela o pequeno crucifixo de prata que ficava ao lado da minha cama ou da minha mesa há tantos anos. E Ângela aceitou-o com reverência, fez o sinal da cruz e o beijou, e então partiu com seu marido muito feliz.

E enquanto eu ouvia o canto dos gondoleiros durante o tempo em que eles seguiam seu caminho – a canção morrendo a distância enquanto as sombras do pôr-do-sol se fechavam

ao meu redor – eu senti que eles estavam cantando o réquiem do único amor que havia adentrado meu coração.

3. Considerações finais

Foi desafiante fazer a tradução deste conto de William Gilbert, uma vez que se trata de uma escrita clássica, com um vocabulário bastante rebuscado. Ao realizar a tradução, optou-se por deixar a linguagem em língua portuguesa o mais próximo possível da linguagem original, pensando que o autor é inglês utilizava em seu conto da formalidade da escrita da época. Assim, conforme explicado, optou-se por uma estratégia mais estrangeirizadora, a fim de que o conto em língua portuguesa remeta ao período de sua escrita. No entanto, algumas adaptações foram feitas, mas sem que se perdesse a essência do original, como a palavra *pantomime* que foi substituída pelo sinônimo *mímica*, já que a tradução literal *pantomima* não é tão utilizada no vocabulário brasileiro. No caso de um termo como *requiem*, por exemplo, preferiu-se uma tradução literal do termo. Espera-se que a tradução possibilite um acesso à obra do autor, que merece mais leitores.

Referências:

GILBERT, W. S. *ANGELA, an inverted love story*. Domínio Público. Disponível em: <http://www.public-domain-poetry.com/stories/william-schwenck-gilbert/angela-an-inverted-love-story-1667> . Acesso em: 26 mar. 2023.

GILBERT, W. S. *Foggerty's fairy, and other tales*. Internet Archive. [S.d] Disponível em: <https://archive.org/details/cu31924013457779/page/n5/mode/2up>. Acesso em: 26 mar. 2023.

THE VICTORIAN WEB. SIR William Schwenck Gilbert. [S.d.]. Disponível em: <https://victorianweb.org/mt/gilbert/index.html>. Acesso em: 26 mar. 2023.

VENUTI, L. *The translator's invisibility*. London/New York: Routledge, 1995.

BRITANNICA. W.S. Gilbert British Playwright., 25 mai. 2022. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/George-Grossmith>. Acesso em: 26 mar. 2023.

Apêndice

Angela - An Inverted Love Story

By William Schwenck Gilbert

I am a poor paralysed fellow who, for many years past, has been confined to a bed or a sofa. For the last six years I have occupied a small room, giving on to one of the side canals of Venice, and having no one about me but a deaf old woman, who makes my bed and attends to my food; and there I eke out a poor income of about thirty pounds a year by making water-colour drawings of flowers and fruit (they are the cheapest models in Venice), and these I send to a friend in London, who sells them to a dealer for small sums. But, on the whole, I am happy and content.

It is necessary that I should describe the position of my room rather minutely. Its only window is about five feet above the water of the canal, and above it the house projects some six feet, and overhangs the water, the projecting portion being supported by stout piles driven into the bed of the canal. This arrangement has the disadvantage (among others) of so limiting my upward view that I am unable to see more than about ten feet of the height of the house immediately opposite to me, although, by reaching as far out of the window as my infirmity will permit, I can see for a considerable distance up and down the canal, which does not exceed fifteen feet in width. But, although I can see but little of the material house opposite, I can see its reflection upside down in the canal, and I take a good deal of inverted interest in such of its inhabitants as show themselves from time to time (always upside down) on its balconies and at its windows.

When I first occupied my room, about six years ago, my attention was directed to the reflection of a little girl of thirteen or so (as nearly as I could judge), who passed every day on a balcony just above the upward range of my limited field of view. She had a glass of flowers and a crucifix on a little table by her side; and as she sat there, in fine weather, from early morning until dark, working assiduously all the time, I concluded that she earned her living by needle-work. She was certainly an industrious little girl, and, as far as I could judge by her upside-down reflection, neat in her dress and pretty. She had an old mother, an invalid, who, on warm days, would sit on the balcony with her, and it interested me to see the little maid wrap the old lady in shawls, and bring pillows for her chair, and a stool for her feet, and every now and again lay down her work and kiss and fondle the old lady for half a minute, and then take up her work again.

Time went by, and as the little maid grew up, her reflection grew down, and at last she was quite a little woman of, I suppose, sixteen or seventeen. I can only work for a couple of hours or so in the brightest part of the day, so I had plenty of time on my hands in which to watch her movements, and sufficient imagination to weave a little romance about her, and to endow her with a beauty which, to a great extent, I had to take for granted. I saw--or fancied that I

could see--that she began to take an interest in _my_ reflection (which, of course, she could see as I could see hers); and one day, when it appeared to me that she was looking right at it--that is to say when her reflection appeared to be looking right at me--I tried the desperate experiment of nodding to her, and to my intense delight her reflection nodded in reply. And so our two reflections became known to one another.

It did not take me very long to fall in love with her, but a long time passed before I could make up my mind to do more than nod to her every morning, when the old woman moved me from my bed to the sofa at the window, and again in the evening, when the little maid left the balcony for that day. One day, however, when I saw her reflection looking at mine, I nodded to her, and threw a flower into the canal. She nodded several times in return, and I saw her direct her mother's attention to the incident. Then every morning I threw a flower into the water for 'good morning', and another in the evening for 'goodnight', and I soon discovered that I had not altogether thrown them in vain, for one day she threw a flower to join mine, and she laughed and clapped her hands when she saw the two flowers join forces and float away together. And then every morning and every evening she threw her flower when I threw mine, and when the two flowers met she clapped her hands, and so did I; but when they were separated, as they sometimes were, owing to one of them having met an obstruction which did not catch the other, she threw up her hands in a pretty affectation of despair, which I tried to imitate but in an English and unsuccessful fashion. And when they were rudely run down by a passing gondola (which happened not unfrequently) she pretended to cry, and I did the same. Then, in pretty pantomime, she would point downwards to the sky to tell me that it was Destiny that had caused the shipwreck of our flowers, and I, in pantomime, not nearly so pretty, would try to convey to her that Destiny would be kinder next time, and that perhaps tomorrow our flowers would be more fortunate--and so the innocent courtship went on. One day she showed me her crucifix and kissed it, and thereupon I took a little silver crucifix that always stood by me, and kissed that, and so she knew that we were one in religion.

One day the little maid did not appear on her balcony, and for several days I saw nothing of her; and although I threw my flowers as usual, no flower came to keep it company. However, after a time, she reappeared, dressed in black, and crying often, and then I knew that the poor child's mother was dead, and, as far as I knew, she was alone in the world. The flowers came no more for many days, nor did she show any sign of recognition, but kept her eyes on her work, except when she placed her handkerchief to them. And opposite to her was the old lady's chair, and I could see that, from time to time, she would lay down her work and gaze at it, and then a flood of tears would come to her relief. But at last one day she roused herself to nod to me, and then her flower came, day by day, and my flower went forth to join it, and with varying fortunes the two flowers sailed away as of yore.

But the darkest day of all to me was when a good-looking young gondolier, standing right end uppermost in his gondola (for I could see _him_ in the flesh), worked his craft alongside the house, and stood talking to her as she sat on the balcony. They seemed to speak as old friends--indeed, as well as I could make out, he held her by the hand during the whole of their

interview which lasted quite half an hour. Eventually he pushed off, and left my heart heavy within me. But I soon took heart of grace, for as soon as he was out of sight, the little maid threw two flowers growing on the same stem--an allegory of which I could make nothing, until it broke upon me that she meant to convey to me that he and she were brother and sister, and that I had no cause to be sad. And thereupon I nodded to her cheerily, and she nodded to me, and laughed aloud, and I laughed in return, and all went on again as before.

Then came a dark and dreary time, for it became necessary that I should undergo treatment that confined me absolutely to my bed for many days, and I worried and fretted to think that the little maid and I should see each other no longer, and worse still, that she would think that I had gone away without even hinting to her that I was going. And I lay awake at night wondering how I could let her know the truth, and fifty plans flitted through my brain, all appearing to be feasible enough at night, but absolutely wild and impracticable in the morning. One day--and it was a bright day indeed for me--the old woman who tended me told me that a gondolier had inquired whether the English signor had gone away or had died; and so I learnt that the little maid had been anxious about me, and that she had sent her brother to inquire, and the brother had no doubt taken to her the reason of my protracted absence from the window.

From that day, and ever after during my three weeks of bed-keeping, a flower was found every morning on the ledge of my window, which was within easy reach of anyone in a boat; and when at last a day came when I could be moved, I took my accustomed place on my sofa at the window, and the little maid saw me, and stood on her head (so to speak) and clapped her hands upside down with a delight that was as eloquent as my right-end-up delight could be. And so the first time the gondolier passed my window I beckoned to him, and he pushed alongside, and told me, with many bright smiles, that he was glad indeed to see me well again. Then I thanked him and his sister for their many kind thoughts about me during my retreat, and I then learnt from him that her name was Angela, and that she was the best and purest maiden in all Venice, and that anyone might think himself happy indeed who could call her sister, but that he was happier even than her brother, for he was to be married to her, and indeed they were to be married the next day.

Thereupon my heart seemed to swell to bursting, and the blood rushed through my veins so that I could hear it and nothing else for a while. I managed at last to stammer forth some words of awkward congratulation, and he left me, singing merrily, after asking permission to bring his bride to see me on the morrow as they returned from church.

'For', said he, 'my Angela has known you very long--ever since she was a child, and she has often spoken to me of the poor Englishman who was a good Catholic, and who lay all day long for years and years on a sofa at a window, and she had said over and over again how dearly she wished she could speak to him and comfort him; and one day, when you threw a

flower into the canal, she asked me whether she might throw another, and I told her yes, for he would understand that it meant sympathy for one sorely afflicted.'

And so I learned that it was pity, and not love, except indeed such love as is akin to pity, that prompted her to interest herself in my welfare, and there was an end of it all.

For the two flowers that I thought were on one stem were two flowers tied together (but I could not tell that), and they were meant to indicate that she and the gondolier were affianced lovers, and my expressed pleasure at this symbol delighted her, for she took it to mean that I rejoiced in her happiness.

And the next day the gondolier came with a train of other gondoliers, all decked in their holiday garb, and on his gondola sat Angela, happy, and blushing at her happiness. Then he and she entered the house in which I dwelt, and came into my room (and it was strange indeed, after so many years of inversion, to see her with her head above her feet!), and then she wished me happiness and a speedy restoration to good health (which could never be); and I in broken words and with tears in my eyes, gave her the little silver crucifix that had stood by my bed or my table for so many years. And Angela took it reverently, and crossed herself, and kissed it, and so departed with her delighted husband.

And as I heard the song of the gondoliers as they went their way--the song dying away in the distance as the shadows of the sundown closed around me--I felt that they were singing the requiem of the only love that had ever entered my heart.